

VIOLÊNCIA(S) NO CONTEXTO ESCOLAR: REVISÃO DE LITERATURA

Violence in the school context: a literature review

Camila Roberta Lahm-Vieira – PPGDR/FACCAT/Brasil
Patrícia Manozzo Colossi – PPGDR/FACCAT/Brasil
Carlos Fernando Jung – PPGDR/FACCAT/Brasil

RESUMO: Este artigo objetiva analisar criticamente a produção científica nacional acerca da violência escolar, com ênfase nas percepções dos diferentes atores envolvidos, identificando tendências teórico-metodológicas, principais achados e lacunas investigativas, de modo a contribuir para o campo do Desenvolvimento Regional. Trata-se de uma revisão de literatura realizada a partir do levantamento de artigos disponíveis no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os descritores “violência escolar” e “percepção”, cadastrados em língua portuguesa. Foram selecionados 25 artigos publicados em periódicos acadêmicos e disponíveis em formato online, os quais constituíram o corpus de análise. Os achados evidenciam a predominância de estudos que abordam o *bullying* como principal manifestação de violência no ambiente escolar, frequentemente associado a características individuais, dinâmicas grupais e fatores contextuais, indicando a relevância de pesquisas buscando a identificação de fatores de risco e de proteção. Observa-se consenso quanto à necessidade de estratégias preventivas e interventivas desenvolvidas de forma articulada, contínua e territorializada, envolvendo escola, família e comunidade. Apesar dos avanços identificados, destaca-se lacuna significativa no que se refere a estudos sobre a percepção e papel da família na problemática da violência escolar. Tal ausência evidencia a necessidade de ampliar o olhar investigativo, incorporando análises que integrem dimensões escolares, dinâmicas sociais, relacionais e territoriais, a fim de fortalecer a construção de políticas e práticas articuladas no âmbito do Desenvolvimento Regional.

Palavras-chave: Educação. Psicologia. Território. Violência escolar.

ABSTRACT: This article aims to critically analyze the national scientific production on school violence, emphasizing the perceptions of the different actors involved, identifying theoretical-methodological trends, main findings, and investigative gaps, in order to contribute to the field of Regional Development. It is a literature review based on a survey of articles available in the Portal of Periodicals of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES), using the descriptors "school violence" and "perception," registered in Portuguese. Twenty-five articles published in academic journals and available online were selected, constituting the corpus of analysis. The findings highlight the predominance of studies that address bullying as the main manifestation of violence in the school environment, frequently associated with individual characteristics, group dynamics, and contextual factors, indicating the relevance of research seeking to identify risk and protective factors. There is a consensus regarding the need for preventive and interventional strategies developed in

an articulated, continuous, and territorially focused manner, involving school, family, and community. Despite the identified progress, a significant gap stands out in studies on the perception and role of the family in the problem of school violence. This absence highlights the need to broaden the investigative perspective, incorporating analyses that integrate school dimensions, social, relational, and territorial dynamics, in order to strengthen the construction of articulated policies and practices within the scope of Regional Development.

Keywords: Education. Psychology. School violence. Territory.

1. INTRODUÇÃO

A escola é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social dos sujeitos (Nesello et al. 2014); lugar de aprendizagem e socialização, mas também permeado por conflitos e situações de violência (Maciel; Prodócimo, 2018; Marques et al., 2022). Considerada um problema de saúde pública mundial (Santos et al., 2020), a violência manifesta-se de forma física, verbal, psicológica, sexual ou por negligência. Dados do Boletim Técnico Escola que Protege (2024) apontam 60.985 vítimas de violência interpessoal em escolas brasileiras entre 2013 e 2023.

A violência e os conflitos escolares constituem os principais desafios de ordem psicossocial no ambiente escolar. No entanto, estudos brasileiros dedicados ao tema da promoção de saúde mental nas escolas são escassos (Oliveira et al, 2024). Reconhecida como desafio educacional desde os anos 1980 (Garcia-Silva; Junior, 2022), a violência expõe crianças e adolescentes a vulnerabilidades que impactam seu desenvolvimento psicológico (Carmo; Guizardi, 2018). Este público, pelas peculiaridades de suas fases de desenvolvimento, apresenta maior vulnerabilidade de sofrer consequências negativas ao experienciar relações violentas (Maranhão et al., 2014).

Sendo a violência escolar uma problemática multicausal, as investigações existentes sobre o tema apresentam abordagens metodológicas diversas (Farias et al., 2022). Silva e Negreiros (2020) indicam que o maior número de pesquisas na área da Psicologia pode ser atribuído ao compromisso social para erradicação da violência nas escolas, assumido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e pela Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), em articulação com universidades, especialmente no que se refere à produção científica e à inserção do psicólogo neste território.

Ao buscar a proposição de um estudo cujo delineamento possa contribuir para o Desenvolvimento Regional, faz-se necessário a consideração e compreensão do território em sua abrangência conceitual e relação com o tema. Cada vez mais presente no contexto da saúde mental e coletiva, com múltiplas dimensões e sentidos, o conceito de território é fundamental enquanto objeto dinâmico, vivo, repleto de inter-relações, dedicando atenção às influências recíprocas do território com a sociedade e seu papel essencial sobre a vida do indivíduo. Nesta lógica, a relação entre ações de cuidado e o território no qual estas são desenvolvidas, configura uma questão central para temas relacionados à atenção psicossocial (Lima, Yasui, 2014). Portanto, denota-se a relevância da consideração do território ao propor estudos com vistas a mapear inter-relações e atravessamentos dos temas de ordem psicossocial como a violência escolar.

Nesta perspectiva, as relações interpessoais na escola são um elemento importante na constituição do desenvolvimento local, por serem reveladoras da dinâmica territorial. Os problemas de relacionamento que afetam a convivência na escola e o desenvolvimento local se originam primordialmente na estrutura social (Baia; Machado, 2021). Haack et al. (2012) destacam a importância de projetos de intervenção comunitária com ações práticas capazes de impactar positivamente o cotidiano dos estudantes, com propostas que favoreçam o aumento da resiliência, considerando sua eficácia na promoção da saúde mental e do desenvolvimento saudável.

Estudos apontam a necessidade de ampliar o diálogo nacional entre pesquisadores do tema para o estabelecimento de medidas padronizadas de investigação do fenômeno, permitindo comparações no tempo e entre diferentes localidades (Nesello et al., 2014). Diante do exposto, este trabalho reúne as contribuições advindas de pesquisas sobre a violência escolar no contexto brasileiro, buscando mapear as principais tendências de estudo, seus principais achados, em especial no que concerne às percepções dos sujeitos envolvidos no fenômeno.

Nesta proposição, objetiva resumir, analisar e sintetizar trabalhos de investigação já publicados em periódicos científicos que abordam a percepção da violência escolar sob a ótica de professores, pais e alunos. A escolha desse recorte justifica-se pela importância de se considerar as múltiplas vozes envolvidas no cotidiano escolar, uma vez que a divergência ou convergência destas pode influenciar as respostas

institucionais à violência e os processos conduzidos para mediação de conflitos (Reis et al., 2020).

A sequência deste artigo está organizada da seguinte forma: a seção Materiais e Métodos apresenta os procedimentos metodológicos adotados na condução da pesquisa. Em seguida, a seção Resultados e Discussão apresenta, de forma articulada, a síntese dos achados provenientes da revisão, entrelaçada à discussão teórica pertinente. Por fim, as Considerações Finais sistematizam as principais conclusões decorrentes do processo de leitura, análise e reflexão empreendido ao longo do estudo.

2. MATERIAL E MÉTODO

O expressivo crescimento dos programas de pós-graduação e a circulação acelerada do conhecimento têm intensificado a produção científica e ampliado a necessidade de organizar e sintetizar informações já existentes. Nesse cenário, a revisão destaca-se como uma estratégia de pesquisa que permite reunir de maneira padronizada as evidências disponíveis sobre um tema, oferecendo bases sólidas para o avanço de novas investigações (Campos; Caetano; Gomes, 2023). Inicialmente, foi realizada uma busca por artigos indexados nas bases de dados do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com a utilização dos descritores “violência escolar” e/ou “percepção”. A busca exploratória resultou em 25 publicações, selecionando o filtro das produções do período de 2015 a 2024. Foram utilizados quatro critérios de inclusão, sendo necessário para que o artigo integre essa revisão: (i) conter as expressões “violência escolar” e/ou “percepção” no título ou no resumo; (ii) ter sido publicado em português; (iii) ano de publicação a partir de 2015 (iv) ser artigo científico. Sendo assim, foram analisados 25 artigos, disponíveis no formato online, oriundos de revistas acadêmicas. As publicações selecionadas são apresentadas a seguir, nas seções resultados, análise e discussão.

A partir da leitura dos materiais construiu-se um quadro ilustrativo como instrumento de organização contendo as seguintes informações: (i) ano da publicação; (ii) autores; (iii) título do estudo. Após a coleta de dados, foi feita uma análise por tipo de abordagem, relacionando os principais achados e argumentos mais pertinentes dos autores, de modo que os conteúdos integrantes dessa síntese referem-se: (i) ao entendimento e conceituação de violência escolar; (ii) às percepções sobre o fenômeno; (iii) às possibilidades interventivas neste cenário. O Quadro 1 apresenta uma síntese das

publicações analisadas, resumizando a revisão da literatura em ordem cronológica, com autoria e título de cada estudo.

Quadro 1 – Síntese das publicações no período de 2015 a 2024

Ano	Autores	Título do Estudo
2015	SILVA et al.	Percepção da violência escolar para adolescentes da zona rural de Feira de Santana – BA
2015	OLIVEIRA, R.A.	Violência na escola: o pensar e o agir dos professores
2016	ABAD, A.; MARQUES, T.M.	A escola contemporânea e a violência escolar: um paradigma obsoleto aos alunos com altas habilidades/superdotação
2016	PEREIRA, S.S.; ABRANCHES, L.A. e ARAÚJO, E.L.	Reflexões sobre o currículo escolar e a violência simbólica
2017	GIORDANI, J.P; SEFFNER, F. e DELL’AGLIO, D.D.	Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública
2017	GIORDANO, R., NAZARETH, L.	Violência, educação e sociedade: o <i>bullying</i> na concepção de educadores de Ananindeua (PA)
2018	MACIEL, D.L.; PRODÓCIMO, E.	Convivência Escolar
2018	PAINI et al.	Obesidade infantil e práticas de <i>bullying</i> : questões para a formação docente
2019	MEDEIROS, M.F.; TIELLET, M.H.S.; BRAGA, A.R.C.	A percepção dos professores da rede municipal de ensino sobre a violência nas escolas do município de Cáceres-MT
2020	SILVA, E.H.B.; NEGREIROS, F.	Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura
2020	SOUZA, J.R; VASCONCELOS, P.G.S.	Práticas discursivas sobre violência na escola: uma investigação sobre a visão dos alunos
2021	BESERRA et al.	Percepção dos professores acerca do enfrentamento da violência escolar

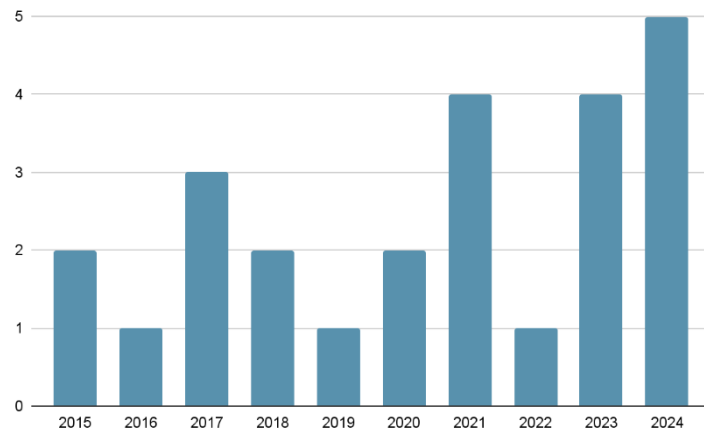
2021	CROCHICK, J.L.	Educação, neoliberalismo e a sociedade administrada
2021	SANTOS, C.C.; LEAL, J.S. e PEIXOTO, E.M.	Relações entre Violência Escolar e Resiliência: desafios na adolescência
2021	SILVA et al.	Percepção de professores acerca do <i>bullying</i>
2022	MOTA et al.	Reflexões sobre a “escola justa” na educação superior: diálogos entre professores e alunos
2023	BASSO, F.V.; SOUZA, C.E.L.; RODRIGUES, C.G.	Violência na escola na percepção dos estudantes brasileiros: evidências do PIRLS e do PISA
2023	LUNA et al.	Crenças, autoeficácia e estratégias de professores diante do <i>bullying</i>
2023	PEDROSSIAN, D.R.S.; FERRO, A.L.; PAULA, A.L.	O <i>bullying</i> e a educação inclusiva na percepção de professores de ensino fundamental
2023	SILVA, G.S.; BARBOSA, E.L.; SANTOS, A.F.S.	Reflexões sobre os possíveis impactos da violência nas escolas: percepções docentes sobre as causas, efeitos e prevenção
2024	ALBUQUERQUE, J.V.M.; CARMO, D.S. e BEZERRA, W.C.	Violência escolar e apoios cotidianos: percepções de jovens de uma escola pública
2024	BACILA, M.S.	Violência na escola: um estudo preliminar indicativo de políticas públicas para as cidades educadoras
2024	FEIJÓ, G.P.M.	A identidade e a subjetividade em um contexto de violência escolar
2024	GOMES et al.	Violência escolar e o exercício da autoridade do professor: um estudo com adolescentes de São Paulo
2024	FREITAS, I.S.; MELO, M.H.S	Avaliação das necessidades para promover comportamentos pró-sociais na educação infantil

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Gráfico 1 apresenta os resultados referentes à quantidade de publicações obtidas a partir dos critérios de busca demarcando período (ano) de 2015 a 2024:

Número de estudos selecionados por ano após aplicação dos critérios de elegibilidade



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A síntese das publicações analisadas (Quadro 1) ilustra o contínuo interesse sobre a temática, com destaques nos anos de 2021, 2023 e 2024. Percebe-se que o tema permanece relevante para realização de investigações, especialmente no âmbito do desenvolvimento regional.

A violência escolar é tida como fenômeno presente em todos os lugares, que cresce descontroladamente, trazendo impactos na sociedade e agravos na saúde (Silva et al. 2015; Oliveira, 2015). O estudo de Silva et al. (2015) apontou que, na percepção dos estudantes, além de ocorrer sob diversas formas, a violência ultrapassa os muros da escola, revelando a reprodução do modelo violento de convivência social (Silva et al., 2015). Vê-se, assim, que a violência não se restringe à esfera educacional, mas se entrelaça aos contextos cultural, social e econômico (Basso; Souza; Rodrigues, 2023).

Uma forma de violência escolar que tem sido observada com atenção nas últimas décadas, com características específicas de intimidação psicológica ou física, intencional e reincidente, dirigida a uma pessoa vista como frágil por seus agressores recebe a denominação de *bullying* (Silva et al. 2021). No entanto, Basso, Souza e Rodrigues (2023) pontuam que o uso do termo *bullying* parece não traduzir a complexidade e gravidade da ocorrência dos diversos tipos de violência no contexto escolar. As autoras ressaltam a necessidade de uma conceituação mais ampla e adequada ao contexto brasileiro.

Na intenção de analisar a percepção de professores e alunos acerca da violência no espaço escolar, Giordani, Seffner e Dell’Aglío (2017) definem quatro categorias discursivas: violência entre pares, violência entre alunos e professores e violência extramuros. Descrita como multifacetada e expressa sob as formas verbal e física, também foram referidas a violência intra e extrafamiliar como ocorrências intraescolares. Sob a ótica dos professores, a violência escolar é tida como um fenômeno complexo, multifatorial, influenciado por fatores individuais, relacionais, ambientais e sociais (Beserra et al., 2021).

A violência escolar atinge os diferentes grupos sociais e se manifesta sob a forma de conflito (Oliveira, 2015). A escola pública apresentou uma percepção de violência global maior que a escola particular. Contudo, apesar da percepção de violência maior que o grupo da escola privada, o desenvolvimento e a manutenção de uma tendência à resiliência parecem não ter sido afetados, o que amplia as possibilidades de intervenções neste contexto (Santos; Leal; Peixoto, 2021).

Os contextos familiar, escolar e comunitário afetam significativamente os níveis de bem-estar de crianças/adolescentes (Albuquerque; Carmo; Bezerra, 2024). Os resultados de estudos aqui analisados mostram que variáveis familiares exercem um efeito direto na violência escolar, constatando-se que experiências familiares de aceitação e rejeição, influenciam a forma como os alunos se relacionam na escola (Souza; Vasconcelos, 2020).

Analisando situações de violência sob a percepção dos discentes, emergiram relatos de situações relacionadas à violência no núcleo familiar (Silva e Negreiros, 2020). Ainda que recebam apoio da escola ou da família para lidar com seus conflitos, se faz necessário fortalecer e ampliar essas redes de suporte (Albuquerque; Carmo; Bezerra, 2024). A invisibilidade da atuação de uma rede de apoio, conforme apontado no estudo de Oliveira (2015) indica a necessidade de busca por articulação entre os órgãos de proteção aos direitos da criança, com especial destaque para a família, por entender que seu enfrentamento demanda a mobilização não apenas de uma área ou setor.

Ao refletir sobre as condições atuais de formação do indivíduo, considerando a atual estrutura social capitalista e a ideologia neoliberal, Crochick (2021) pondera a influência destes atravessamentos nas características de personalidade, favoráveis ou contrárias à democracia e relacionadas com formas de violência escolar. A formação de

consciência sobre a cultura e a sociedade, oportunizando a expressão de desejos e medos poderiam evitar violências irracionais de modo que os alunos aprendam a identificar os alvos contra os quais devemos lutar, ou seja, aqueles gerados pela sociedade e que apresentam ameaças à vida.

A pesquisa de Mota et al. (2022) produziu apontamentos sobre a dignidade da pessoa humana e a noção de conflito, propondo ações de prevenção e enfrentamento planejadas com alcance regional ou local, voltadas a um ambiente de aprendizado mútuo que estimule o diálogo. Como estratégias para melhoria da convivência, impactando o clima escolar, Maciel e Prodócimo (2018) sugerem, além do diálogo, o trabalho com jogos e brincadeiras abarcando temas com valores democráticos, além de práticas envolvendo a corporeidade.

Na mesma perspectiva, estudos recomendam atividades preventivas; rodas de conversa; campanhas; palestras; aproximação da escola às famílias e o estabelecimento de um diálogo aberto entre professores, alunos e familiares como ações que contribuem com o trabalho desenvolvido pela escola e com a manutenção de um ambiente sadio e frutífero para boas relações entre os atores que constituem este espaço e o processo de combate à violência escolar (Silva; Barbosa; Santos, 2023).

Estudo de Luna et al. (2023) sugere que a identificação das percepções, das crenças e do histórico de envolvimento em *bullying* contribui para a construção de programas mais eficazes de enfrentamento da violência escolar. Pereira, Abranches e Araújo (2017) definem que a violência simbólica, presente no contexto escolar, é de difícil percepção, dado o seu caráter velado nas relações interpessoais, envolvendo professores e alunos, alunos/alunos, também podendo apresentar-se nas práticas pedagógicas estabelecidas, na aplicação de normas e nos conteúdos curriculares ministrados. Os autores concluem sinalizando que a violência simbólica tem sido instituída no espaço escolar por meio de práticas pedagógicas excludentes.

Por este motivo, Pereira, Abranches e Araújo (2017) enfatizam a relevância do trabalho interdisciplinar, observando a realidade do aluno e superando a fragmentação do conhecimento. A negação das necessidades de alunos de inclusão por inabilidade ou por desinteresse representaria um ato violento considerado como violência paradigmática, confirmando assim, que a violência escolar pode ser observada tanto por ação quanto por omissão (Abad; Marques, 2016).

A percepção de estudantes do Ensino Médio sobre a violência escolar e sobre seus apoios sociais cotidianos, revela que o fenômeno aparece de forma multifacetada no cotidiano dos jovens, sendo expresso na escola tanto de forma velada como escancarada, interferindo nas relações que compõem a vida escolar (Albuquerque; Carmo; Bezerra, 2024). Os autores destacam a complexidade da temática, referindo a importância da formação das equipes docente e técnico administrativo para o enfrentamento da violência, capacitando para a mediação de conflito e a construção de novas relações que tornem a escola um lugar de proteção e apoio.

Comportamentos de indisciplina e incivilidade são referidos pelos professores como expressões de violência escolar. Para os docentes, a violência influencia o ambiente escolar, espaço que também recebe repercussões da violência urbana e da violência oriunda do contexto familiar (Medeiros; Tiellet, 2019). Giordano e Nazareth (2017) apontam contradições na percepção dos educadores sobre o *bullying*, que atribuem como causa primeira a ausência de estrutura familiar e, simultaneamente, as hierarquias escolares e/ou características individuais e sociais dos alunos (usar óculos, ser magro, gordo, pobre, negro etc.).

Ao considerar a obesidade infantil enquanto fator de análise no contexto da violência escolar, Paini et al. (2018) concluem que as crianças obesas sofrem preconceito e exclusão nas interações sociais escolares. Os autores destacam que essa é uma situação social que carece de cuidado educacional, visto que aprender a respeitar é parte integrante da aprendizagem que se constrói na família e no ambiente escolar, oportunizando aprendizagem com interações que promovam o respeito às diferenças.

Pesquisadores apontam para inexistência de clareza conceitual por parte dos professores sobre esta tipologia de violência pois, em alguns casos, percebe-se uma relativização das situações identificadas como algo comum ao cotidiano escolar ou visto como brincadeira pelos educadores. Ademais, o estudo sugere que a escola parece contribuir com a existência dessa forma de violência ao reforçar hierarquias classificatórias (Silva et al. 2021).

A pesquisa de Gomes et al. (2024) demonstra que a agressão relacional influencia negativamente a avaliação do clima escolar. Ademais, quando os professores exercem seu poder pautados no respeito e na imparcialidade, há um efeito positivo sobre a percepção dos alunos, o que pode ser uma chave para evitar conflitos. Os professores tendem a compreender o *bullying* como um fenômeno social, atribuindo a

responsabilidade maior à família, ou seja, suas percepções estão relacionadas às concepções ideológicas presentes na sociedade e reproduzidas nas escolas. Os educadores também destacam os desafios para a educação inclusiva pelo comportamento preconceituoso dos alunos que agem conforme os padrões de estereótipos socialmente disseminados (Pedrossian; Ferro; Paula, 2022).

Estudos consideram relevante o desenvolvimento de ações direcionadas à prevenção desta problemática na escola, a partir da criação de contextos escolares promotores de comportamentos pró-sociais desde a primeira infância. Recomenda-se a realização de estudos voltados para avaliação de necessidades, pela existência de práticas potencialmente promotoras de comportamentos pró-sociais nos repertórios das professoras e das crianças mas também de dificuldades referentes a lacunas na formação docente, com necessidade de aprimoramento no repertório de habilidades sociais educativas, bem como da percepção da violência que se expressa na escola como decorrente apenas de eventos externos à instituição (Freitas; Melo, 2024).

Investigar a relação entre a violência escolar e o desempenho acadêmico, assim como o papel das famílias e da comunidade na promoção de ambientes escolares seguros e saudáveis são apontamentos relevantes para proposição de estudos na área (Bacila, 2024). Nessa perspectiva, programas de prevenção e enfrentamento necessitam ampliar as definições sobre variáveis que podem constituir a violência, incorporando reflexões sobre a realidade concreta da vida de estudantes e famílias, estando contextualizados com a realidade local, à medida que a violência deve ser compreendida a partir do contexto social e cultural que a atravessa (Beserra et al., 2021).

Albuquerque, Carmo e Bezerra (2024) destacam a relevância de aprofundar discussões sobre situações de violência escolar motivadas por questões particulares, tais como as relacionadas aos marcadores sociais da diferença (raça, gênero, religião, etc), consideradas especificidades invisibilizadas na maioria dos estudos sobre o tema, que comumente utiliza a denominação genérica de *bullying*. Evidencia-se que a violência escolar constitui um fenômeno complexo, cuja compreensão exige uma análise crítica e reflexiva. Nessa perspectiva, Feijó (2024) compreende a educação como uma ferramenta de caráter transformador, capaz de promover a construção de espaços escolares mais inclusivos, justos e acolhedores, ao fomentar práticas pautadas no diálogo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou uma compreensão ampliada e aprofundada acerca das percepções sobre a violência escolar no contexto brasileiro, constituindo um aporte teórico relevante para o delineamento do projeto de Dissertação no âmbito do Mestrado em Desenvolvimento Regional. O mapeamento das produções científicas evidenciou a predominância de estudos que contemplam as perspectivas de professores e estudantes, revelando, por outro lado, uma lacuna significativa no que se refere às investigações que abordam a percepção das famílias, bem como seu envolvimento em ações preventivas e de enfrentamento dessa problemática.

Considerando a complexidade e a multidimensionalidade do fenômeno, atravessado por fatores individuais, relacionais, ambientais e sociais, os estudos analisados indicam a ausência de uma definição conceitual abrangente e consensual para a violência escolar. Ademais, evidenciam a vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos, expressa no comprometimento da saúde mental e do bem-estar, além de repercussões negativas na qualidade dos processos de ensino e aprendizagem e nas relações estabelecidas no ambiente escolar e nas demais dimensões de interação social que compõem o território.

Nesse sentido, os achados apontam evidências de que a ocorrência de diferentes formas de violência, como o *bullying*, pode estar associado com características específicas de indivíduos e contextos. Tal constatação reforça a relevância de pesquisas que investiguem as percepções dos distintos atores do contexto escolar acerca da violência, possibilitando a identificação de fatores de risco e de proteção. Paralelamente, os estudos indicam que as manifestações de violência e os conflitos figuram entre os principais desafios enfrentados no espaço escolar, destacando a insuficiência de diretrizes sistematizadas sobre o tema e reforçando a pertinência de projetos que subsidiem a elaboração de propostas interventivas voltadas à prevenção e ao enfrentamento da violência escolar, contribuindo, assim, para o Desenvolvimento Regional.

Por fim, evidencia-se a importância de fomentar iniciativas que ampliem as ações de cuidado em saúde mental no contexto educacional, superando abordagens centradas exclusivamente na resolução pontual de problemas e avançando para a construção de estratégias coletivas e intersetoriais. Tal perspectiva demanda o reconhecimento das múltiplas determinações sociais implicadas em fenômenos

complexos, como a violência escolar, favorecendo a promoção de ambientes educativos mais seguros, inclusivos e promotores de desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, A.; MARQUES, T. M. A escola contemporânea e a violência escolar: um paradigma obsoleto aos alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista Foco Adm.** v. 8, n. 175, 2015.

ALBUQUERQUE, J. V. M.; CARMO, D. S.; BEZERRA, W. C. Violência escolar e apoios cotidianos: percepções de jovens de uma escola pública. **Debates em Educação**, v. 16, n. 38, p. 16322, 2024.

BAIA, S. F.; MACHADO, L. R. de S. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. **Interações** (Campo Grande), v. 22, n. 1, p. 177–193, jan., 2021.

BASSO, F. V.; SOUZA, C. E. L.; RODRIGUES, C. G. Violência na escola na percepção dos estudantes brasileiros: evidências do PIRLS e do PISA. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, v. 9, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Boletim técnico Escola que Protege**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-que-protege/BOLETIMdadosobreviolenciasnascolas.pdf>.

CAMPOS, A.F.M.; CAETANO, L.M.D.; GOMES, V.M.L.R. Revisão Sistemática de Literatura em Educação: características, estrutura e possibilidades às pesquisas qualitativas. **Linguagens, Educação e Sociedade**, v. 27, n. 54, p. 139–169, 2023. DOI: 10.26694/rles.v27i54.2702. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2702>.

CARMO, M. E. do; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos De Saúde Pública**, v. 34, n.3, 2018.

CROCHICK, J. L.. Educação, neoliberalismo e/ou sociedade administrada. **Educar em Revista**, v. 37, p. e80472, 2021.

FARIAS et.al. Fatores associados à violência escolar com adolescentes: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 8, 2022.

FEIJÓ, G. P. M. A identidade e subjetividade em um contexto de violência escolar. **Revista Contemporânea**, [S. l.], v. 4, n. 12, p. e7121, 2024.

FREITAS, I. S.; MELO, M. H. S. Avaliação de necessidades para promover comportamentos pró-sociais na educação infantil. **Avances en Psicología**

Latinoamericana, v. 42, n.2, p. 1-18, 2024.

<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.11950>.

GARCIA-SILVA, S.; JUNIOR, P. L. O papel da violência escolar no abandono da carreira docente: proposta de uma matriz analítica. **Educ. Pesqui.** v. 48, 2022.

GIORDANO, R.; NAZARETH, L. Violência, educação e sociedade: o bullying na concepção de educadores em Ananindeua (PA). **Comunicações Piracicaba**, v. 24 , n. 2, p. 103-126 maio-agosto, 2017.

HAACK, K. R. et al. Resiliência em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Gerais, **Rev. Interinst. Psicol.**, Juiz de fora , v. 5, n. 2, p. 270-281, dez., 2012.

LUNA et.al. Crenças, autoeficácia e estratégias de professores diante do bullying. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, 2023.

MACIEL, D. L.; PRODÓCIMO, E. Convivência Escolar. **Revista dos Trabalhos de Iniciação Científica da UNICAMP**.Campinas, SP, n. 26, out. 2018.

MARANHÃO et al. Violência, risco e proteção em estudantes de escola pública. Fractal: **Revista De Psicologia**, v. 26, n.2, p. 429 – 444, 2014.

MARQUES et. al. Intimidação não! Políticas públicas e a perspectiva da sociologia e da psicologia da educação para o enfrentamento da violência no ambiente escolar. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 9, 2022.

MOTA et.al. Reflexões sobre a “escola justa” na educação superior: diálogos entre professores e alunos. **Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação**. v. 7, n. 1, p. 3 –18, 2022

NESELLO et al. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 14, n. 2, p. 119–136, abr. 2014.

OLIVEIRA, B. D. C. DE. et al. Promoção de Saúde Mental no contexto escolar: potências, desafios e a importância da colaboração intersetorial para o campo da Atenção Psicossocial. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34077, 2024.

OLIVEIRA, R.de A. Violência na escola: o pensar e o agir de professores. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v. 39, n. 1, p. 119-138, jan/mar, 2015.

PEDROSSIAN, D. R. dos S.; FERRO, A. L.; PAULA, A. de L. O bullying e a educação inclusiva na percepção de professores de ensino fundamental /**Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 2, p. 13808–13834, 2022.

PEREIRA, S.S.; ABRANCHES, L.A.; ARAÚJO, E.L. Reflexões sobre o currículo escolar e a violência simbólica. **Ensino & Pesquisa**, v.15, n. 3, p. 67 - 80, 2017.

REIS, D. C. dos; SILVA, S. L.; TÁVORA, J. S; MENDES, J. F. Percepção de professores sobre a violência no contexto escolar. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 12, n. 27, p. 127 – 143 maio/ago, 2020.

SANTOS et.al. Escala de violência intrafamiliar e escolar usando a Teoria de Resposta ao Item. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n.11, 2020.

SILVA et.al. Percepção da violência escolar para adolescentes da zona rurícola de Feira de Santana-BA. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. v. 7, 2015.

SILVA et. al. Percepção de professores acerca do bullying. **Revista Olhares** - v. 9, n. 1, Guarulhos, abr. 2021.

SILVA, E. H. B.; NEGREIROS, F. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma revisão sistemática da literatura. **Rev. psicopedag.** São Paulo, v. 37, n. 114, p. 327 - 340, dez. 2020.

SOUSA, J. R. de, e VASCONCELOS, P. G. S. Práticas discursivas sobre violência na escola: uma investigação sobre a visão dos alunos. **Cadernos Cajuína**. v. 5, n. 2, p. 187 – 205, 2020.

Credenciais da/os autora/es

Camila Roberta Lahm-Vieira. Mestranda no PPGDR das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT/RS), graduada em Psicologia (FACCAT).  Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6216-015X> E-mail: camilavieira@sou.faccat.br

Patrícia Manozzo Colossi. Docente do PPGDR das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT/RS) Dra em Psicologia (UNISINOS).  Orcid: [Orcid.org/0000-0002-2038-1491](https://orcid.org/0000-0002-2038-1491) E-mail: patriciacolossi@faccat.br

Carlos Fernando Jung. Docente do PPGDR das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT/RS) Pós-Doutor em Engenharia e Dr em Engenharia de Produção (UFRGS).  Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6317-8338> E-mail: carlosfernandojung@gmail.com

Endereço para correspondência: Camila Roberta Lahm-Vieira. Av. Oscar Martins Rangel, 4500, Bairro Fogão Gaúcho, CEP 95612-150, Taquara/RS. E-mail: camilavieira@sou.faccat.br

Como citar este artigo (Formato ABNT): LAHM-VIEIRA, C.R.; COLOSSI, P.M.; JUNG, C.F. Violência (s) no contexto escolar: revisão de literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 10, n.1, p1-15, 2026.

Recebido: 04/02/26.

Aceito: 21/02/26.